

A AÇÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS DO SENAI: O SENAI E A FORMAÇÃO INTEGRAL

LA ACCIÓN PEDAGÓGICA DE LAS ESCUELAS DEL SENAI: EL SENAI Y LA FORMACIÓN INTEGRAL

Desiré Luciane Dominschek
Grupo de Pesquisa - Histedbr
desiredominschek@hotmail.com

Resumo

A pesquisa parte de uma análise documental e apresenta questões sobre a formação profissional desenvolvida na Escola SENAI- PR especificamente a escola de Curitiba, retratou-se a organização desse instituto visando um projeto ideológico pensado para a constituição do progresso do Estado do Paraná, isto na visão dos industriários, e dos políticos com poder hegemônico naquele contexto histórico. Para tanto, fizemos uso de fontes primárias, e destacamos como fonte principal, o impresso produzido pelos alunos da escola do SENAI de Curitiba-PR, fonte localizada no Centro de Memória do sistema FIEP. A nossa análise filtrou neste texto a ação pedagógica das escolas do SENAI e a proposta de educação integral.

Palavras-chave: História da educação profissional; SENAI-PR; Educação integral.

Resumen

La investigación parte de un análisis documental y presenta cuestiones sobre la formación profesional desarrollada en la Escuela SENAI- PR específicamente la escuela de Curitiba, se retrató la organización de ese instituto buscando un proyecto ideológico pensado para la constitución del progreso del Estado de Paraná, De los industriales, y de los políticos con poder hegemónico en ese contexto histórico. Para ello, hicimos uso de fuentes primarias, y destacamos como fuente principal, el impresso producido por los alumnos de la escuela del SENAI de Curitiba-PR, fuente ubicada en el Centro de Memoria del sistema FIEP. Nuestro análisis filtró en este texto la acción

pedagógica de las escuelas del SENAI y la propuesta de educación integral.

Palabras clave: Historia de la educación profesional; SENAI-PR; Educación integral.

As ideias são produtos da existência humana e também sofrem determinações históricas. Assim, as ideias são a expressão das relações e elaborações reais do homem e da humanidade, destacamos nesta pesquisa a complexidade que permeou a necessidade de formar a força de trabalho no Brasil, ou seja, a intencionalidade no contexto de criação do SENAI, focalizando esta ocorrência no Estado do Paraná - colocando como foco o desenvolvimento do homem e de sua história na análise com as fontes e suas representações, conforme salienta Andery (2007), o desenvolvimento do homem e de sua história não depende de um único fator. Seu desenvolvimento ocorre a partir das necessidades materiais; estas, bem como a forma de satisfazê-las, a forma de se relacionar para tal, as próprias ideias, o próprio homem e a natureza que o circunda, são interdependentes, formando uma rede de interferências recíprocas.

Daí decorre ser este um processo de transformação infinito, em que o próprio homem se produz. Nesse processo de desenvolvimento humano multideterminado, que envolve inter-relações e interferências recíprocas entre ideias e condições materiais, a base econômica será o determinante fundamental.

A proposta pedagógica do SENAI posta em prática, foi idealizada por Roberto Mange e até meados de 1955 (morte de Mange), o discurso era a formação integral do aluno, do cidadão. Para o engenheiro e pedagogo, uma formação profissional completa, que bem permitisse ao indivíduo desempenhar um ofício ou uma profissão (oficiais ou profissionais), distinguia-se daquela proporcionada aos trabalhadores ensinados, aqueles tributários de uma formação parcial, de um treino para realizar certas operações. Para formar o aprendiz cidadão, projetaram-se e criaram-se serviços médicos e sociais, porém diferentes do que se poderia chamar de assistência caritativa ou filantrópica tradicionais. De todo modo, tratava-se de serviços sociais que prestavam assistência aos alunos. Em São Paulo, por exemplo, a Inspeção Médica logo foi substituída pelo Serviço de Higiene do Trabalho, acrescido da atribuição de fiscalizar o regime alimentar dos alunos

A formação para o trabalho, na escola do SENAI de Curitiba, atendeu aos objetivos colocados nacionalmente pela instituição: formar trabalhadores, especialmente aprendizes de ofício para a indústria que se expandia.

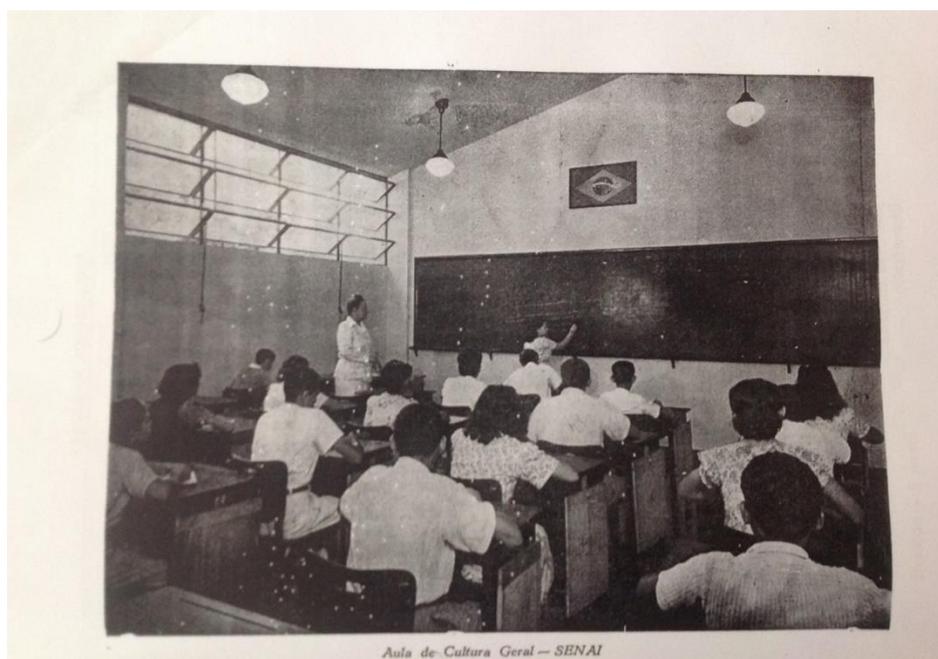
Conforme reflete Ciavatta (2009), historicamente, o ser humano utilizou-se dos bens da natureza por intermédio do trabalho e, produz os meios de sobrevivência e conhecimento. Posto a serviço de outrem, no entanto, nas formas sociais de dominação, o trabalho ganha um sentido ambivalente. Este é o caso das sociedades antigas e suas formas servis e escravistas, e das sociedades modernas e contemporâneas capitalistas.

Para o SENAI o caminho para produzir um bom operário começava com uma série de testes a que eram submetidos todos os candidatos que pleiteavam uma vaga nas escolas do SENAI. Neste sentido é importante perceber o discurso apresentado pelos alunos no jornal organizado pelos estudantes sobre a questão de acidentes de trabalho,

Um velho ditado diz: - “Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe. ” Nos casos dos acidentes de trabalho vemos que a primeira parte do provérbio está bem enquadrado, isto é, as máquinas fazem bem porque produzem mais e melhor com menos trabalho de operário. Em compensação elas produzem também mais acidentes, num determinado tempo, que numa oficina onde seja manual a atividade. Esta segunda parte do ditado, felizmente, está sendo resolvida aos poucos, através de estudos sobre o assunto por especialistas em prevenção de acidentes de trabalho e que são os membros da CIPA. Desenhos sugestivos e dísticos mostram e ensinaram a maneira correta de proceder dentro de uma oficina onde haja máquinas e motores funcionando. Infelizmente, nem todos tem o mesmo entendimento e alguns elementos querem criticar a comissão de segurança dizendo que só servem para atrapalhar. Caros colegas compreendam que é para nosso bem, e que a cooperação harmoniosa de todos os resultados em bem-estar coletivo (O ESCUDO, 1962, Dez).

Conforme o discurso dos alunos percebe-se o padrão de ensino a partir das séries metódicasⁱ e o formato individual de ensino, uma vez admitido no programa, o processo de socialização do aprendiz acontecia nas oficinas e salas de aulas das escolas do SENAI. Na figura (1), temos a representação de uma aula de cultura geral no Senai.

FIGURA 1 – Aula de cultura geral -Escolas do SENAI



Fonte: Relatório SENAI 1950

A instituição sempre apresentava sua instrução prática como puramente técnica e todo o seu programa como ideologicamente neutro, mas Roberto Mange defendia o método de Formação Sequencial como um meio de inculcar disciplina e eficiência nos operários aprendizes.

Bologna (1980) aponta que Mange, propunha que os métodos de ensino das escolas do SENAI, visassem de modo geral a educação eficiente do aprendiz, para tanto, segundo ele, são utilizados todos os processos pedagógicos recomendáveis, procurando tornar a escola ATIVAⁱⁱ e interessante,

De acordo com cada uma das disciplinas, são empregados processos de ensino que levam o aluno a pensar e a resolver por si os problemas de sua vida real. Nas oficinas, a aprendizagem dos trabalhos práticos é efetuada por meio de peças, nas quais, gradativamente, são introduzidas as dificuldades de execução das operações fundamentais do ofício e o emprego racional do respectivo ferramental. Tais peças, cada qual com seu desenho, são reunidas numa SÈRIE METÓDICA, em que se procura adotar o princípio geral de “ir do mais fácil para o mais difícil” com as repetições e variedades que forem aconselháveis. Este é um ponto capital para a eficiência da aprendizagem (BOLOGNA,1980, p.2014-2015).

Para Monarcha (1990) o escolanovismo era o instrumento que “aperta as porcas, parafusos e arruelas e azeitava engrenagens” (p.127 apud BATISTA, 2016, p231), pois para os escolanovistas, a organização de um país em desenvolvimento e progresso passava principalmente pela educação. Muller (2015) descreve que as indústrias paulistas do período,

não estavam preparadas para a introdução de métodos racionais e científicos em sua rotina profissional, “mas o *taylorismo* e o fordismo mostravam-se atraentes por representarem o que havia de mais moderno e inovador nos processos industriais” (p.180).

No início de 1942, no contexto progressivo alinhamento do governo brasileiro com aliados, foram contratados técnicos suíços, ligados à tradição da escola de ofícios que Capanema desejava preservar, e técnicos norte-americanos, ligados aos padrões de aprendizagem que viriam a ser desenvolvidos pelo SENAI (CUNHA, 2005, p.38).

A criação do SENAI, na visão dos industriais, veio “coroar” a sucessão de realizações propostas por Roberto Mange e Roberto Simonsen, eles desde 1920 vinham cada um em seu campo, desenvolvendo experiências que se convergiram em um objetivo comum, inserir o Brasil em contato com a modernidade. Nas considerações do grupo SENAI (1992), ser moderno em 1940 era “[...] estar a par dos principais acontecimentos da Europa e dos Estados Unidos, acompanhando os progressos científicos que se vinham encadeando desde a grande fermentação da virada do século XX” (p56).

Ou seja, ser um país industrializado, pois a indústria tinha o objetivo de transformar a natureza em produtos a serem consumidos em larga escala.

Para quem vivenciava as escolas do SENAI, não viam apenas o problema da formaçãoⁱⁱⁱ da aprendizagem dos industriários quanto ao aspecto pedagógico, pensava-se segundo Mange, a valorização total do operário,

Trata-se de se realizar uma “educação integral” que pode ser definida nos seguintes termos: “Cultura geral e profissional, em torno de “uma sadia personalidade”. Seria inútil que o SENAI cuidasse unicamente do ensino, pois ele não se propõe apenas a ensinar, mas principalmente a educar. Por isso mesmo, a missão do SENAI não pode ser exclusivamente de natureza técnica. Não se trata simplesmente do problema da formação profissional do trabalhador, mas de uma ação educativa de sentido muito mais amplo e elevado, visando – acima de tudo – formar o cidadão, isto é, fazer o aprendiz um homem íntegro, moral, física e profissionalmente falando, cioso das prerrogativas inerentes à sua dignidade de pessoa humana e consciente de sua responsabilidade pessoal e profissional para com a coletividade (BOLOGNA,1980, p.215).

Para Bologna (1980) os métodos de ensino adotados pelo SENAI visavam a educação eficiente do aprendiz. Para isso, eram utilizados todos os processos pedagógicos recomendáveis, procurando-se tornar a Escola ativa e interessante. De acordo com cada

disciplina, são empregados processos de ensino que levam o aluno a pensar por si os problemas de sua vida real. As obras históricas (história oficial)^{iv} do SENAI, mostram que além de se discutir que especializações ensinar e em que lugares, a instituição tinha uma grande preocupação com a adequação social dos aprendizes, proposta por Mange.

O Relatório do Departamento Regional de São Paulo (1945), apresenta em suas considerações gerais, o conceito educativo-social e de educação integral, idealizados por Roberto Mange,

O caráter do SENAI como instituição de aprendizagem industrial, pode levar alguém á apressada e falsa conclusão de que se trata de mera organização de ensino profissional, o que não é verdade. Cumpre não perde de vista o verdadeiro sentido da obra que compete ao SENAI promover, ou seja, o conceito educativo-social de suas realizações. Sim, porque a ação do SENAI transcende em muito ao limitado setor do simples ensino, para assumir uma feição nitidamente social. Ora, esta orientação implica necessariamente – dentro do âmbito da aprendizagem industrial – na realização de serviços de natureza para-escolar no campo da educação, da higiene e da assistência social. É o que o Departamento Regional está fazendo, oferecendo gratuitamente serviços médicos, tratamento dentário e alimentação aos alunos de suas escolas e proporcionando-lhes ainda assistência social. Esses serviços são de grande importância para a integral realização do programa que o SENAI se traçou, e embora representem, evidentemente, um forte acréscimo no custo de cada aluno, constituem, todavia, condição precípua para a eficiência do ensino. Portanto, deve constituir uma constante preocupação para todos os colaboradores do SENAI, manter uma atividade dirigida no sentido da formação moral, cívica e social dos aprendizes. [...] Se conjugarmos o preceito de ordem educativa e social, que fundamenta parate da atividade do SENAI, com o aspecto técnico profissional da obra que lhe compete promover, teremos realizado o que poderá ser denominado de “Educação Integral” (Relatório Departamento Regional SENAI-SP,1945).

O Relatório ainda ressalta que o conceito de Educação Integral, obedece a uma tendência moderna na educação, visando a formação integral de um homem, uma formação cultural e profissional em torno de uma “personalidade sadia”.

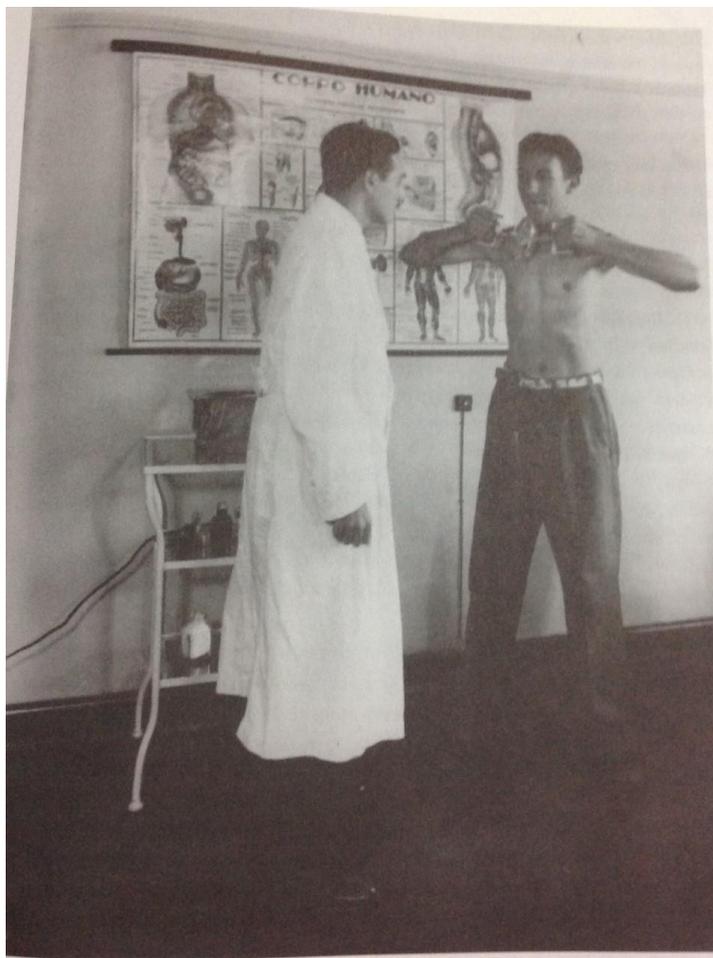
O empenho de Roberto Mange em oferecer serviços sociais aos aprendizes, tinham também um fundo pedagógico, os relatórios do SENAI de 1944 e 1945, indicam avaliações pessimistas da “matéria-prima” a ser transformada em operários competentes, atividade que para ele demandava uma grande intervenção social e médica. Dados que levaram o Departamento Regional de São Paulo a ter a convicção absoluta de que sem um serviço social especialmente destinado aos alunos aprendizes e que lhes proporcionasse assistência médica,

dentária, alimentação, assistência social^v, mínima, não se atingiria a eficiência dos cursos de instrução profissional.

A análise profissional era minuciosa, detalhando o “trabalho” a ser realizado e este aspecto constituiu o modelo SENAI, instrumento básico para a formulação de currículos, programas, cursos, capazes de conter as necessidades profissionais e de treinamento, “não adiantava nada o indivíduo ter aptidão se não fosse treinado” (SENAI, 1992, p.68). E para o aluno chegar a ser “treinado”, ou seja, aluno de uma escola SENAI, era preciso passar nos testes de seleção. A divisão de seleção criava uma bateria de testes psicológicos para selecionar, as várias pessoas que se candidatavam, buscando a eficácia, trazia algumas dificuldades, isto é, pela lógica ideológica de “eficiência” da instituição, buscava-se sempre os “bons”. O SENAI, se preocupou em dar respostas científicas para estas buscas, então na Divisão de seleção todo o esforço era dirigido para a elaboração de instrumentos a fim de testar candidatos às mais variadas ocupações e assim se abria nas escolas SENAI, os caminhos no campo da psicologia industrial.

A bateria de testes começava com conhecimentos gerais, porque se considerava o conhecimento mínimo de português e matemática e também seguindo as orientações de Roberto Mange fazia-se uma avaliação do nível de aptidão de uma pessoa, era preciso saber o nível mental do candidato e de acordo com Barros Santos^{vi} o teste tinha por finalidade obter a medida da habilidade intelectual para trabalhos teórico-prático.

Figura 2 – Exame médico de um candidato a um curso do SENAI, “teste de força”, 1943. Cortesia do Núcleo de Memória, SENAI-São Paulo.



Fonte: Weinstein,(2000)

Mas conforme a figura 2, os alunos passavam também por testes físicos . Outro ponto bastante importante na proposta de Educação integral do SENAI foi a abordagem holística da educação profissional, que segundo Weinstein (2000), era a tríade **“Escola-Fábrica-Lar”**. A autora relata que o SENAI tinha a intenção não apenas de diminuir o fosso entre a sala de aula e o trabalho, mas envolver a família do aluno em sua aprendizagem, com o objetivo de que os pais compreendessem o valor do estudo de um ofício e completassem a formação dada pelo SENAI.

Conforme o Relatório SENAI-SP de 1945, nenhuma dificuldade de ordem administrativa, técnica ou material com que este se deparava para a execução de seus

objetivos, se comparava ao problema da flutuação dos alunos nas escolas, este mesmo documento destaca que a evasão de alunos alcançou 44% nos cursos em funcionamento. A evasão de alunos matriculados dá lugar a uma reposição de novos elementos equivalentes em número, pois o industrial é obrigado a manter na escola SENAI uma quota certa de menores. Assim, eliminações e substituições formam um verdadeiro círculo vicioso. Vejamos o quanto esta questão era grave – dos aprendizes de ofício matriculados em fins de 1943. Existiam em fins de 1945 apenas 15% a considerar que ainda neste momento faltava um ano para este contingente completar o curso. Dos trabalhadores menores que ingressaram na mesma época somente 6% mantiveram-se matriculados, por ocasião do término do curso. Isso demonstra que poucos eram os menores que concluíam seus cursos.

É bastante significativo esse fato e induz á seguinte conclusão: os aprendizes não encontrando na fábrica a que pertence a melhoria de situação a que pensa fazer jus em vista da capacidade de trabalho adquirida, por pequena que seja, deixa o estabelecimento para ingressar em outro onde é aproveitado com vantagem para ele e para o industrial, que não o incluiu no contingente a ser matriculado no SENAI. Também o número de menores que, depois de algum tempo se recusam continuar a frequentar a escola é elevado, pois atinge a mais de 20% dos eliminados. Esses afastamentos tem por causa, quase sempre, ainda a utilização do aprendizado já adquirido para a melhoria de situação econômica do menor, vantagem essa que, frequentemente, não é atribuída ao aprendiz, enquanto ele se mantém parcialmente afastado do serviço por frequentar a escola (RELATÓRIO SENAI-SP, 1945).

Comentando esta tendência, Roberto Mange refletia que o SENAI estava contribuindo mesmo que de forma paradoxal para a “instabilidade da força de trabalho juvenil”, pelo fato de aumentar o poder de barganha daqueles que frequentavam seus cursos, mesmo que por pouco tempo. Com estas condições, o assistente social da escola tinha a tarefa de convencer os alunos das escolas SENAI e suas famílias de que as chances de melhoria de vida ficariam mais evidentes se os alunos continuassem seus cursos. O trabalho com os assistentes sociais foi bastante efetivo, estes visitaram cerca de 600 famílias de alunos do SENAI com a missão de convencê-los que seus filhos deveriam se manter no curso.^{vii}

Com a demanda de problemas de evasão escolar o SENAI demonstrou especial interesse com a educação das crianças menores de doze a quatorze anos, com o debate sobre a lei do trabalho infantil na década de 1920, os industriais e engenheiros sociais de vários matizes vinham denunciando o “hiato nocivo”, ou melhor, o intervalo entre os doze anos,

quando normalmente a criança acaba o curso primário e os catorze anos, quando a lei autorizava sua entrada no mercado de trabalho.

De acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), apenas com 14 anos completos um menino poderia ser contratado por uma indústria, na condição de aprendiz. Por outro, o ensino primário, único ao alcance das famílias de baixa renda, na época, libera grande contingente de alunos com cerca de 12 anos. A esse intervalo de cerca de 2 anos, em que o menino deixava de estudar e ainda não podia trabalhar, convencionou-se chamar de “hiato nocivo” (SENAI, 1992,p.70).

No jornal dos alunos da escola do SENAI de Curitiba (1953), os mesmos descrevem sobre a importância da legalização do trabalho do menor operário. No artigo colocam que de acordo com a lei, todo menor que trabalhasse deveria possuir carteira profissional. No artigo destacam que quando o aluno se matricula nas escolas do SENAI, logo já estaria empregado, então, o menor receberia uma relação de documentos necessários: declaração de função; a ser preenchido pela firma e autorização de responsável; para ser assinado pelo responsável pelo menor. Depois de reunidos todos os documentos solicitados, a escola ofereceria uma “declaração” de que o aluno saberia ler e escrever.

A nota sobre a questão da legalidade do trabalho do menor operário constante em “O Escudo” revela a intenção do SENAI-PR em alertar a comunidade de operários que além da instituição prover uma vaga de emprego para o pequeno aprendiz, o faz dentro da legalidade, propiciando segurança e reconhecimento a esse aluno.

Ao estabelecer a idade mínima de catorze anos para ingresso no emprego, a legislação acabou gerando aquilo que no SENAI ficou conhecido como “hiato nocivo”^{viii}, já que, para a população pobre, a escolarização raramente ultrapassava o ensino primário, quase sempre concluído em idade superior a dez anos.

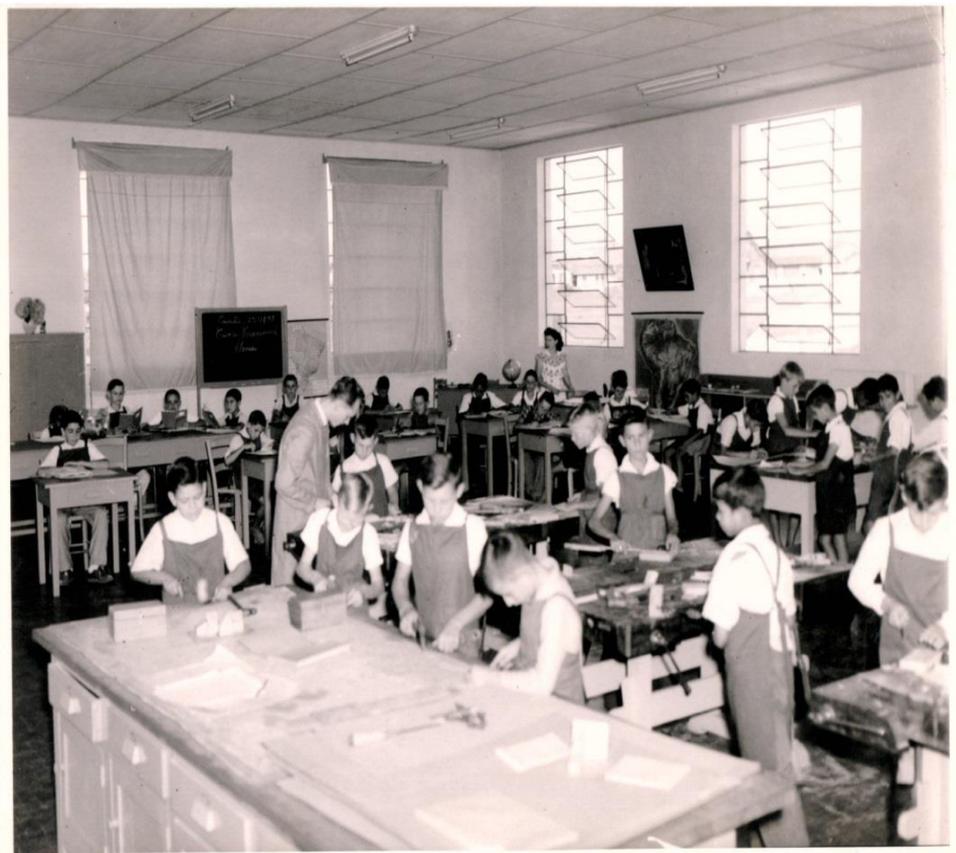
Por isso, o SENAI foi obrigado a sentir o problema bem de perto, pelo fato de receber muitos jovens após um período mais ou menos longo de interrupção da escola primária, gasto em vadiagem conforme relato da instituição. Intentando solucionar o problema, o SENAI criou os cursos vocacionais, conforme destaca a figura 13, que demonstra os alunos nas aulas práticas, aulas em que se valorizava, sobretudo, o trabalho manual e se buscava mecanismos que pudessem preencher o chamado “hiato nocivo”.

Embora alguns padrões soubessem que essas crianças provavelmente preenchiam este “hiato nocivo” com um emprego ilegal ou com trabalhos no setor informal, os educadores

temiam que aqueles dois anos de atividade sem acompanhamento e sem regularidade levassem a comportamentos nocivos e mesmo criminosos e tornasse mais difícil para os aprendizes a adaptação na rotina da fábrica.

Os cursos vocacionais passaram a ser ofertados a partir de 1945 em vários lugares e no primeiro ano apresentou 145 alunos matriculados. Importante destacar que o currículo organizado para este curso tinha especificidades básicas, a primeira era aperfeiçoar a cultura geral dos alunos e a segunda iniciá-los em várias ocupações manuais. Na figura 3, podemos observar uma aula prática, com meninos muito pequenos.

Figura 3– Curso vocacional – aula prática



Curso Vocacional: aula prática - Curitiba: Rua Chile, 1949

Fonte: Centro de Memória do SENAI Paraná

O SENAI não procurava preparar esses alunos para um determinado ofício, mas antes pô-los em contato com diversas artes manuais de modo que eles, juntamente com seus instrutores, descobrissem sua “vocação”, que sempre se considerava estar, como consequência

de sua origem social, na esfera do trabalho industrial. Os dirigentes da Divisão de seleção e Orientação Profissional do SENAI promoviam esses cursos com um cuidado todo especial, como um meio de orientar os alunos, de forma mais específica, para a atividade mais afinada com suas aptidões e inclinações (WEINSTEIN, 2000).

Os cursos vocacionais do SENAI foram regulamentados pelas “instruções de Serviço de nº.15, de 28 de fevereiro de 1945, do Departamento Nacional do SENAI. A finalidade destes cursos conforme esta instrução, seria a de: proporcionar ao menor uma ocupação adequada por meio de trabalhos manuais de utilidade geral, complementando e reforçando ao mesmo tempo seus conhecimentos básicos; e servir á descoberta da vocação individual, a fim de orientar os menores na escolha da profissão mais adequada aos interesses; qualidades e aptidões de cada um. A preferência da matrícula destinava-se principalmente aos menores de 12 a 14 anos, filhos ou parentes de industriários^{ix}.

Na figura (4) observamos outra imagem que nos apresenta a organização do curso vocacional, em aula práticas,

Figura 4– Curso vocacional



Fonte: O Giz e a Graxa, 1992

O curso vocacional consta de duas séries: a primeira série – obrigatória para todos os alunos de 12 a 13 anos e meio, com duração de um ano, dividido em dois termos, compreendendo: aulas de cultura geral e aprendizagem de trabalhos manuais; observação de tendências e vocações para a orientação profissional. A segunda série – tinha duração

variável de três meses a um ano e nela o menor, vindo da primeira série, permaneceria até completar 14 anos. E compreendia: desenvolvimento da cultura geral e da aprendizagem de trabalhos manuais; pesquisas específicas para a orientação profissional definitiva. A idade mínima era de 12 anos e nove meses e máxima 13 anos e seis meses.

No curso vocacional a admissão era feita mensalmente, a fim de preencher possíveis evasões das turmas em andamento e também para deter o hiato nocivo.

Segue a descrição do Regime escolar:

- a) 4 horas diárias (excluindo os sábados), sendo 2 horas de trabalhos manuais e 2 horas de aulas gerais.
- b) Disciplinas das aulas gerais: aritmética, geografia do Brasil, história do Brasil, linguagem, noções de ciências e noções de desenho.
- c) Trabalhos manuais: aeromodelismo, cartonagem, cestaria, eletricidade, encadernação, modelagem, tecelagem, trabalhos em couro, trabalhos em madeira, trabalhos em metal.

E dentro desta estrutura apresentada, os alunos dos cursos vocacionais tinham a oportunidade de travar contato com vários ofícios já que seriam os futuros candidatos às atividades fabris do país. Na figura 16 vemos o aluno do curso vocacional em aula prática no tear manual.

A escola foi apresentada como espaço ideal para a realização da orientação profissional.

O trabalho com os Cursos vocacionais foi realizado pela Divisão de Seleção com a cooperação da Divisão de Ensino. Segundo Oswaldo de Barros Santos, os cursos tiveram muita importância educacional no Brasil, mas acabaram sendo extintos das escolas do SENAI, em 1958, pois haviam crescido tanto que estavam concorrendo com a formação dos aprendizes.

O Professor Carlos de Moura Bastos explica a sequência desse trabalho: com o fim dos cursos vocacionais, voltou-se a estaca zero. O aluno ia entrar no SENAI apenas por provas de conhecimentos gerais e de nível mental. Procurou-se então evoluir, criando-se uma outra fase do processo seletivo [...] o aluno, antes de escolher uma determinada profissão, passaria um dia na escola para obter informações sobre o que a escola poderia oferecer a ele e para saber o que ele desejava do SENAI (SENAI, 1992, p.71).

Assim, os cursos vocacionais funcionaram, até 1958 e em oito escolas do SENAI, pois ao final de 1958 a orientação profissional passou a ser feita por meio de outros procedimentos.^x

Após o término dos cursos vocacionais, tentando possibilitar uma educação profissional de qualidade e também humanística o SENAI propôs o método de instrução individual, que compreendia quatro fases: estudo do assunto; comprovação do conhecimento; aplicação; generalização ou transferência do conhecimento e avaliação.

Na aprendizagem em oficina essas fases assumiam a seguinte sequência: estudo da tarefa; demonstração das operações novas; execução da tarefa e avaliação. A hierarquia de poder do SENAI apresentava-se como tendo função de propiciar que a organização atingisse os seus objetivos com os melhores resultados.

Concordamos com Muller (2015) que em seu estudo, posiciona, a organização a partir das SMO^{xi}, seria uma espécie de “Microcosmo” da sociedade nas oficinas,

As séries Metódicas Ocupacionais ou SMO são, por excelência, a estratégia pedagógica mais adequada para a realização da proposta educacional do SENAI-Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Utilizadas como método e como material didático desde que aquele serviço foi criado, as SMO- além de substituírem os “mestres instrutores” que, segundo o próprio Roberto Mange, (1932) faziam com que os aprendizes fossem jogados na oficina de trabalho, aprendessem como quisessem e como pudessem e não raro copiassem processos defeituosos de trabalho, adquirindo vícios as SMO se prestavam á concretização de um objetivo muito mais amplo: a racionalização e a organização científica do trabalho – fundamentais , no discurso dos industriais e tecnocratas como Roberto Simonsen, Euvaldo Lodi, Morvan Dias de Figueiredo e João Luderitz – para o desenvolvimento de seus cursos, estabelecendo uma espécie de microcosmo da sociedade na oficina (p.179-180).

A filosofia pedagógica das escolas do SENAI enfatizava o ensino individualizado a partir das SMO, para a escola a aprendizagem deveria revestir-se de dinamismo e a atividade discente deveria ser orientada pelo ativismo, ao invés da aprendizagem passiva.

O SENAI, consciente dessa realidade educativa, e em consonância com os objetivos da formação profissional, diante da multiplicidade de Métodos de ensino, foi em busca de um método que fosse ativo por excelência, qual seja o Método de Instrução Individualizada, que, por ser ativo, traz em seu bojo toda a fundamentação do método ativo, bem como conjuga os princípios da educação individualizada e personalizada (KALIL,1977, p.14-15).

A citação de Kalil (1977) reflete a proposta pedagógica abordada no interior das instituições do SENAI em todo o Brasil, em termos gerais a obra “O SENAI e sua Metodologia de Ensino”, reúne o procedimento didático pedagógico adotado pelas escolas SENAI em seus centros de formação, na condução da aprendizagem como processo educativo dinâmico, e com influência dos estudos escolanovistas.

Cunha (2000) aponta que, no início da existência do SENAI, não se tinha a necessidade de dissimular a diretividade de seu método de ensino (vide a figura 5), nem a padronização de procedimentos.

FIGURA 5 - série metódica



Fonte: SENAI 70 anos, 2014

Segundo Kalil (1977) o objetivo da obra o Senai e sua metodologia de ensino, foi,

Ao redigir-se o trabalho, teve-se em mente caracterizar as 4 fases universais do método de Instrução Individualizada, fases estas aplicáveis a qualquer

situação de aprendizagem, de sorte que todos aqueles que estejam vinculados ao ensino tenham uma consciência muito clara do método, além de ser uno, visa atingir objetivos amplos da formação integral do indivíduo, bem como servir de instrumento capaz de levar o educando á aquisição do conhecimento de forma racionalizada e eficiente (p.4).

Tanto uma como outra eram vistas como tendo vantagens óbvias. A razão pela qual essa metodologia de caráter *taylorista* foi revestida pelo ativismo parece ser a necessidade de responder as críticas vindas de dentro e de fora da instituição — de dentro, em razão das mudanças dos processos produtivos, cada vez mais difíceis de serem acompanhados devido às adaptações das folhas de operações e de tarefas, de fora, pela prevalência do não diretivismo no campo pedagógico, com motivação tanto de caráter psicológico quanto de caráter social e político.

Referências

ANDERY, Maria Amália. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BATISTA, Eraldo Leme. O Instituto de Organização Racional do Trabalho – IDORT, como instituição educacional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil. In: SANFELICE, Luís Sanfelice, JACOMELLI, Mara Regina Jacomelli et al, (Org.) **Histórias das Instituições escolares: teoria e prática**. – Bragança Paulista – SP: Margem da palavra, 2016.

CIAVATTA, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores**. Rio de Janeiro: Lamparita, 2009.

CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n.14, maio/ago., 2000, p. 89-107.

_____. **O Ensino industrial-manufatureiro no Brasil: origem e desenvolvimento**. Coleção Políticas Públicas de Trabalho, Emprego e Geração de Renda. Convênio: ABC/TEM/SEFOR-FLCSO/Brasil (1999-2000).

_____. **O Ensino profissional na irradicação do industrialismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp: Brasília, DF: FLACSO, 2005.

DOMINSCHKE, Desiré Luciane. Tempos “modernos” no Brasil? O parque fabril brasileiro e as iniciativas senasianas. In: BATISTA, Eraldo Leme.; MULLER (Org.), Meire Terezinha. **Realidades da Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2015.

FONSECA, Celso Suckow. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI/DPEA, 1986.

MONARCHA, Carlos. **História da educação brasileira: formação do campo**. Ijuí: Unijuí, 1999.

MULLER, Meire Terezinha. As SMO – Séries Metódicas Ocupacionais – como Estratégia Pedagógica Indispensável á educação Profissionalizante do SENAI. In: BATISTA, Eraldo Leme.; MULLER, Meire Terezinha (Org.). **Realidades da Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2015.

_____. **A lousa e o Torno: a escola Senai Roberto Mange, de Campinas**. 334f. Programa de Pós-Graduação em Educação. Tese de (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas: UNICAMP, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da teoria ou um planetário de erros** (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro: ZAHAR editores S.A, 1981.

WEISTEIN, B. **(Re) formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. São Paulo: Cortez, 2000.

Fontes Históricas

BOLOGNA, Italo. **Roberto Mange e sua obra**. [S.l.]: Unigraf, 1980.

KALIL, Nagib Leitune. **O SENAI e sua Metodologia de Ensino**. 3ed. Rio de Janeiro, SENAI/DN/DRN,1977.

O ESCUDO - **Órgão oficial dos alunos do SENAI**. Curitiba: Oficina de Artes Gráficas da Escola do SENAI, 1949-1990.

RELATÓRIO do Departamento Nacional, nº. 5, de nov./dez de 1950.

_____. **O Giz e a graxa: meio século de educação para o trabalho/projeto Memória SENAI-SP** – São Paulo: SENAI, 1992.

Notas

ⁱ Séries Metódicas ocupacionais – proposta pedagógica das Escolas SENAI.

ⁱⁱ Roberto Mange é amigo de Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, os organizadores do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” – Lourenço Filho desenvolveu experiências de educação profissional com Roberto Mange. Lourenço Filho teve papel fundamental no movimento escolanovista no Brasil, e foi um dos fundadores do IDORT, em conjunto com Roberto Mange, ainda foi divulgador das teses *tayloristas* no Brasil (BATISTA,2016).

ⁱⁱⁱ Weinstein (2000) ressalta que a palavra “formação” refere-se á educação, mas também implica desenvolvimento geral e socialização.

^{iv} SENAI 50 anos, SENAI 70 anos, SENAI Histórias e percursos.

^v Relatório SENAI-SP 1944.

^{vi} Psicólogo e ex - professor SENAI.

^{vii} Weinstein (2000).

^{viii} De acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), apenas com 14 anos completos um menino poderia ser contratado por uma indústria, na condição de aprendiz. Por outro lado, o ensino primário , único ao alcance das famílias de baixa renda, na época, liberava um grande contingente de alunos com cerca de 12 anos, a este intervalo de cerca de 2 anos , em que o menino deixava de estudar e ainda não podia trabalhar , convencionou-se chamar de “hiato nocivo”. (O Giz e a graxa, 1992, p.70)

^{ix} Relatório INEP 1950.

^x SENAI. O giz e a graxa, 1992.

^{xi} SMO – Séries Metódicas ocupacionais – Sigla das escolas SENAI.

Sobre a autora

Desiré Luciane Dominschek

Doutora em Educação na área de Concentração: Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) membro do grupo de estudos; História, Sociedade e Educação no Brasil; (HISTEDBR). Mestre em Educação na área de concentração: História e Historiografia da Educação, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico e Ciência Política pela (UFPR) ;graduada em pedagogia pela mesma instituição. Professora de História da Educação do Centro Universitário Internacional Uninter, com experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação. Atuando nos seguintes temas: história das instituições escolares, história do ensino profissional, reflexões sobre a pesquisa e prática pedagógica. Atualmente coordena o setor de Pesquisa e publicações acadêmicas e o Comitê de Ética da Uninter, também é coordenadora Institucional do Programa de Iniciação a docência da UNINTER – na graduação atua com os fundamentos da educação: História da Educação Metodologia da pesquisa científica , Políticas Educacionais. Pertence as seguintes associações acadêmicas : Sociedade Brasileira de História da Educação - SBHE ,Associação Nacional de História - ANPUH, Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação - ANPED, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC.